

## PERCEPÇÕES A PARTIR DA SALA DE AULA: UM RELATO QUE PERPASSA A EXPERIÊNCIA/ PRÁTICA/REFLEXÃO

Lucas Emanuel da Silva Gomes<sup>1</sup>  
Sílvio César Lopes da Silva<sup>2</sup>  
Valmir Pereira<sup>3</sup>

### Introdução

O presente trabalho, ressaltou a perspectiva de um discente em processo de docência sobre o olhar concreto da realidade de uma escola de nosso país, para fundamentar uma crítica ao ensino de forma regular e suas bases historicamente intocadas, com o benefício do apoio na realidade de nossas escolas regulares. O principal intuito desse artigo é para além de sua crítica servir como ponto dissociativo e reflexivo sobre nossas ações como docentes/discente, e os impactos que elas podem ou não causar, e fundamentalmente como reflexão para os discentes em processo de docência, para tal utilizei os matérias do curso de Filosofia- Licenciatura Plena e os materiais fornecidos durante as primeiras etapas do PIBID multidisciplinar, e experiências proporcionadas pelas últimas etapas do PIBID multidisciplinar.

### Justificativa e metodologia de pesquisa

*“Acho que deveria mudar a escola [...]que os diretores deveria expulsar as pessoa mal educadas e que parassi de pichar as parade[...]A escola deveria não deixar esses maloqueiro nas quadra porquê quando agente vai para a educação física, agente sente cheiro de maconha...”*

Quando analisei essa sentença, meu pré-conceito acadêmico, minha métrica e meu formalismo cartesiano, se calaram em uníssonos, e por alguns instantes meditei sobre o real papel do sujeito docente na escola, sobre a realidade e fundamentalmente, e o quão logicamente estamos distantes do modelo eurocêntrico que desde cedo nos empurraram goela-a-baixo, e

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Filosofia Pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID-UEPB multidisciplinar. Filosofia – Campus I da UEPB. E-mail: [llexs7064@gmail.com](mailto:llexs7064@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor da educação básica no Estado da Paraíba. Graduado em Filosofia, letras e pedagogia. Mestre em Mestrado profissional em formação de professores- UEPB. Supervisor bolsista do Programa de Iniciação à Docência – PIBID-UEPB multidisciplinar. E-mail: [sclop3@yahoo.es](mailto:sclop3@yahoo.es)

<sup>3</sup> Professor da Universidade Estadual da Paraíba, onde coordenou o curso de Filosofia (2012 - 2016). E é o coordenador da área de Filosofia (PIBID) na mesma instituição. Líder do Núcleo de Pesquisa em Ensino de Filosofia e Filosofia Marxista UEPB/CNPq e membro do Grupo de Pesquisa Educação e Ontologia do Ser Social (GREOSS) UNESP/CNPq.

que, como “docentes” somos instruídos ao fazê-lo novamente, vendendo uma realidade que não condiz com nossa própria identidade e desta se distancia.

Nas aulas teóricas, tomamos por preocupações primárias, o estudo do ser e da metafísica, sobre como poderemos aprofundar discussões teóricas no campo unicamente metafísico da realidade, enquanto os alunos preocupam-se com o uso de drogas na quadra da escola, e obviamente não somente isso, pois admito que para minha surpresa as descrições dos alunos sobre o que acontecia naquela quadra, foram até elegantes de certo modo, ou apenas inocentes, quando adentrei nesse espaço. Além do odor mencionado pela aluna, também imperava uma espécie de pseudo domínio de uma “facção”, esta ao qual não parecia ser gerida e formada unicamente por discentes do colégio, mas também por terceiros, sem vínculo intrínseco com a escola, que tinham fácil acesso a essa dependência em específico, devido a falta de segurança, que se concentrava na parte interna do colégio. Simplesmente enxotar o problema para o lado de fora, desde sempre, até mesmo em meus anos letivos, eu notava uma certa distinção de alunos, “*Os que vão para a sala A e os que vão para a sala C*”, e também próprios termos que ouvi durante reuniões, como “*Aluno Problema*”, e em síntese estamos simplesmente falando de uma seleção.

Agora para além de tal seleção, existem os que nem se quer para isso “servem”, nem como reprodutores, nem como mero produto, mas sim “*doentes*”, estes que na visão da escola, não são nem sequer “*casos perdidos*”, mas sim casos inexistentes, são os que ficam de fora da escola. Os que matriculados, são postos para fora com a frase “*aqui dentro não*”. Toda semana um grupo específico de alunos ficava na frente do portão da escola, e vez ou outra eram enquadrados pela polícia. De certo que entendo que o problema não é exclusivamente do credo docente, mas a questão é que essa é nossa infeliz realidade, da qual creio ser de conhecimento de todos. E é nesse ponto onde quero chegar, a comunidade acadêmica, a forma como somos ensinados à ensinar, é fundamentalmente preocupada com o irreal, pois por exemplo, em que aspecto o pensamento schopenhauriano, apesar de interessantíssimo, faria diferença nessa realidade bruta? Creio que o “*mundos*”, aquela quadra, ainda seria representado de tal maneira mesmo que ensinássemos tal pensamento, as páginas dos livros filosofia, português, história, artes e sociologia ainda seriam usadas para embolar cannabis, alunos ainda seriam postos para fora como casos inexistentes da escola, e nela permaneceriam reprovando a cada bimestre para continuar suas vendas dentro do ambiente escolar, as paredes ainda seriam pichadas, e certos atos ainda ocorreriam nas salas vazias dessa realidade.

Essa é a representação de nosso “mundo”, mas ela é atribuída da vontade de quem? Bem o sabemos que essa métrica e esse modelo de realidade são resultados de anos de desigualdade social, fomentados por uma elite social capitalista que não descerá ao pódio, e que assim pretende se manter, gerando mão de obra barata, que “com sorte” conseguiram ser algo a mais do que apenas um pedaço de carne comum a venda. Todavia os arquitetos que constroem os finos fios de cobre dessa realidade, são em boa parte os docentes, e apesar de nos limitarem para nos manter sempre seguindo o mesmo padrão, desgastando e consumindo nossa vontade pouco a pouco, com a falta de verba, equipamento, locomoção, material didático e até temas e abordagens centrais para o desenvolvimento cognitivo de um ser crítico, ainda somos nós que tecemos os fios dessa realidade, e em boa parte nos tornamos responsáveis por sua representação mesmo que contra nossa própria vontade (PINHEIRO FILHO, 2004).

### **Análise e resultados**

Creemos que não se há melhor forma de se concluir as divagações apresentadas, com uma das frases que mais nos motivou a produzirmos esse artigo, “*Porquê o senhor não manda para o governo essas fotos para melhorar nossa escola ?*”. Acreditamos que não exista título melhor para ir ao encontro do tema proposto, ao qual também é impossível desviar-se na atualidade, mas diferente de Descartes (2001, 2005), não apontarei um desapontamento com os saberes e as letras aprendidas na academia, nem tão pouco aos pensadores e pensadores de nossa época. Mas sim ao ato de ensinar, que em nossa cultura comum adotou tal nome para fugir a sua alcunha travestindo-se “ensino” enquanto Educação Bancária (FREIRE, 1998). Mas a questão é, é possível desvincular-se da educação bancária sem fazer uma desconstrução concreta do que dizemos ser filosofia? O que eu quero dizer é, é possível filosofar sobre a realidade, quando não a enxergamos?

O que enxergamos na filosofia atual, é em voga e de forma crua, uma mimese na visão platônica (PLATÃO, 2004), travestimos de realidade um tecido que não nos pertence, um euro-centrismo deformado e incompatível com a realidade, que se porta como um mímico perante os discentes, copiando o que outro e esquecendo-se de sua identidade própria enquanto ser, e esse é o porquê de perguntas como “*Mas para quê serve filosofia ?*” ou “*Porquê eu devia estudar isso ?*” são perfeitamente justificadas de um ponto de vista filosófico e essencialmente prático, pois de fato, quando respondemos que a filosofia serve para dar ao ser um pensamento crítico, não o incitamos a criticar sua realidade, mas sim a criticar a mimese, a criticar termos técnicos como “Sistema” ou “Capitalismo”, que apesar de necessariamente deverem ser

criticados, não o incitamos a fazê-lo na realidade, não o incitamos a fazê-lo no campo real das vontades e representações do campo concreto de sua existência, mas sim a devanear a esmo e sem rumo, vegetando em uma consciência que conhece e desconhece.

Dessa forma, não vejo como podemos mudar algo na educação, sem antes repensar e reconstruir toda nossa base filosófica. Uma real transformação nas aulas de filosofia, isto é tratar sobre a política, não apenas utilizando a “*A república*” como base, e a destrinchando (o que nem se é possível dado o tempo das aulas), mas sim sobre política na realidade, como funciona nossa hierarquia, como ela é construída, quais são os poderes vigentes, em que e porque atuam nisso ou naquilo, da mesma forma para com a Ética, não basta apenas mencionar “*A Ética a Nicômaco de Aristóteles*” (ARISTÓTELES, 1973) focando nas virtudes da alma e no meio termo aristotélico, mas sim mostrar como isso se porta em relação a nossa sociedade, em relação ao julgamento prévio do ser, a xenofobia, ao machismo, ao racismo, as relações de poder, e a catarse em si. Quando nos propomos a ensinar Ética ao ensino médio, vivenciamos problemas básicos, ao abrir o livro didático, os conteúdos expositivos não passavam da antiga Grécia até Heidegger, e nada disso era o que buscávamos, as definições históricas e cronológicas, apesar de importantes, de nada adiantam se nada disserem aos que as ouvem, e fundamentalmente de nada servem se não têm haver com a nossa realidade prática. A métrica eurocêntrica regida pela estirpe de nosso sistema não permite que ultrapassemos isso, a crescente censura nitidamente estampa isso junto de seus bordões pseudo conservadores.

Mesmo sobre tais circunstâncias e limitações “epistêmicas”, conseguimos tratar de tais temas, e os relatos sobre estão em meus relatórios, e foi somente após realmente me desvincular dessa métrica que pude compreender a necessidade da libertação, e a necessidade da quebra do padrão formativo eurocêntrico, e para contextualizar, falo de uma aula em que tentei tratar sobre o machismo, usando o mito da górgona *Medusa*, uma mulher que é violentada, e transformada em um monstro que petrifica quem a enxerga, e a relação disso com nossa realidade, onde os escárnios são feitos a vítima, bem como a culpa, e o consenso de ver aquela pessoa como algo a ser evitado. Após ver os discentes conseguindo enxergar isso na realidade, entendendo-a e principalmente, ao ouvir as vozes das meninas em sala falando sobre o tema, compreendi que o problema não é exatamente a educação, o ato de transmitir e problematizar, mas sim todo o construto que a compõe, os conteúdos, a métrica, a forma e seu caráter de mimese europeia que não condiz com nossa realidade, e então compreendi o sentido de meu papel como bolsista, e a razão existencial desse artigo, a crítica a formula, ao conteúdo e fundamentalmente uma razão

que desconstrua essa métrica, e a construa novamente com base em nossa realidade, para tocarmos o real sentido da filosofia, filosofar, problematizar, construir, desconstruir e reconstruir nossa realidade.

### **Considerações finais**

Críticas relativas ao ensino da filosofia e sua aplicabilidade na realidade sempre foram um cerne de uma discussão propriamente filosófica e intrinsecamente antiga, e acredito que todo docente de tal artífice chegue a cogitar essa problemática, sobre o que é filosofia para o discente? Sobre como ele a vê? Como de fato ela influencia em sua vida? E se contribuí em algo concreto para sua construção de ser e também em sua desconstrução?

O ponto é que, sobre a colônia apenas podemos ter a visão dos colonizadores e dos colonizados, o que implica em uma visão unilateral do que seria filosofia, esta que se perde em meio ao sentidos e atual métrica de ensino, filosofia passa a se tornar ideologia, apenas um conjunto de ideias de uma estirpe europeia, cuja a qual até então enxergávamos como propósito de nosso artífice representar tal vontade, mas ao representar o irreal como simulacro, esquece-se que o discente respira no mundo, real, um mundo que não por sua vontade é representado de tal forma, mas que assim perdura pois a matéria que lhe deveria instruir ao pensamento crítico da realidade, assim o faz, mas não em sua realidade, mas no simulacro eurocêntrico do irreal e do incongruente para consigo. A realidade de um filósofo deve ser a matéria bruta de sua filosofia, só assim ela possui sentido, só assim é possível realmente filosofar.

Cremos que no instante em que esses passos se concretizaram, a partir do chão da escola, vamos perceber a importância da teoria e da prática, e nos daremos conta do quão necessário é a filosofia na educação básica e a preparação para a vida.

### **Referências bibliográficas**

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross In: Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1973, v.4.
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DESCARTES, R; SANTIAGO, H. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FREIRE, P. (1998). **Pedagogia do Oprimido**. 25<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GATTI, B. A; BARRETO, E. S.S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília. UNESCO, setembro de 2009.
- PINHEIRO FILHO, F. A noção de representação em Durkheim. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**. São Paulo: n.61, 2004. <Acesso em 05 de Outubro de 2019>
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e Representação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.